ENTRE PÁGINAS E IMAGINAÇÃO: CONTAÇÕES DE HISTÓRIAS E A COMPETÊNCIA LEITORA NA ESCOLARIZAÇÃO

MARISA VICTORINO SCARANELLO

RESUMO
Compreende-se que a escola desempenha um papel fundamental na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. Para isso, é de extrema importância utilizar recursos que se conectem com a linguagem natural do público, especialmente nas séries iniciais e na Educação Infantil, onde a abordagem lúdica prevalece. O objetivo deste estudo é investigar como as contações de histórias contribuem para o desenvolvimento infantil, especialmente estimulando a competência leitora. Através de uma revisão bibliográfica, os resultados evidenciam que as narrativas têm um papel crucial ao permitir que as crianças explorem a cultura escrita desde cedo, desenvolvendo habilidades críticas, reflexivas e uma visão de mundo mais ampla. É essencial abordar esse processo de forma lúdica, tornando-o prazeroso e incentivando os alunos a serem ativos e autônomos, construindo conhecimento a partir das diversas perspectivas oferecidas pelas histórias.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento infantil; Contação de histórias; Competência leitora; Literatura Infantil.

ABSTRACT
It is understood that schools play a fundamental role in students' learning and development. To achieve this, it is crucial to use resources that align with the natural language of the audience, especially in early grades and early childhood education, where a playful approach prevails. The aim of this study is to investigate how storytelling contributes to children's development, particularly by stimulating reading competence. Through a literature review, the results highlight that narratives play a crucial role in allowing children to explore written culture from an early age, fostering critical and reflective skills and a broader worldview. It is essential to approach this process in a playful manner, making it enjoyable and encouraging students to be active and autonomous, constructing knowledge from the various perspectives offered by stories.

KEYWORDS: Child development; Storytelling; Reading competence; Children's literature.

INTRODUÇÃO

A relevância da escola na sociedade contemporânea é objeto de extensos estudos, uma vez que sua função é essencial para a formação integral dos alunos, preparando-os para o pleno exercício da cidadania. Nesse contexto, a educação infantil passou por diversas transformações ao longo da história. Hoje, reconhecemos que o atendimento não deve ser meramente assistencialista, mas sim proporcionar estímulos adequados para o desenvolvimento completo das crianças.

Surge, então, a necessidade de alinhar as práticas pedagógicas com a linguagem natural das crianças, a fim de explorar ao máximo seu potencial. A ludicidade, entendida como o uso do lúdico no processo educativo, apresenta-se como uma ferramenta poderosa para promover o desenvolvimento infantil. Por meio da fantasia, imaginação, criatividade e interação, as crianças podem explorar o mundo de forma significativa.

Dentre as diversas abordagens lúdicas nas escolas contemporâneas, as contações de histórias ganham destaque. Através do acesso à cultura letrada, essa prática oferece uma formação que torna o aluno autônomo, crítico, reflexivo e com uma visão ampliada do mundo. Contar histórias não se limita à mera transmissão de informações; está intrinsecamente ligado ao universo lúdico, permitindo que as crianças reflitam, criem, interajam e liberem sua imaginação.

O estudo desse tema se justifica pela importância de manter as crianças em contato com o universo literário. Além de contribuir para o processo de alfabetização e letramento, a contação de histórias explora múltiplas habilidades e enriquece o repertório cultural dos alunos. Para que essa prática seja eficaz, é fundamental que os professores se apropriem de recursos e estratégias alinhadas à linguagem natural das crianças, garantindo que todas as suas potencialidades sejam verdadeiramente exploradas.

A pesquisa em questão tem como objetivo central investigar como as contações de histórias contribuem para o desenvolvimento das crianças, especialmente no que diz respeito à competência leitora. Além disso, busca traçar um panorama histórico da relação entre infância e literatura infantil, explorando como a prática de contar histórias impacta o desenvolvimento integral dos alunos.
A relevância desse tema reside na compreensão das estratégias que os professores podem empregar para potencializar a contação de histórias, estimulando, assim, o desenvolvimento da competência leitora nas crianças. A literatura infantil desempenha um papel crucial na formação cultural e cognitiva dos pequenos, e a pesquisa visa enriquecer nossa compreensão desse processo.

OS CONTOS INFANTIS

Segundo Castro (2004), no século XVIII, as primeiras obras voltadas ao público infantil surgiram na Europa. Antes disso, no século XVII, alguns contos já haviam sido escritos e adaptados. Um autor notável dessa época é Charles Perrault, considerado o criador da literatura infantil. Seus clássicos contos de fadas, como
"Chapeuzinho Vermelho", "A Bela Adormecida" e "Cinderela", reproduziam sua visão da sociedade e introduziram o conceito literário dos contos de fadas.

A literatura infantil tem seu início através de Charles Perrault, clássicos dos contos de fadas, no século XVII. Naturalmente, o consagrado escritor francês não poderia prever, em sua época que tais histórias; por sua natureza e estrutura, viessem constituir um novo estilo dentro da literatura, e elegê-lo criador da literatura da criança. (CARVALHO, 2009, p.77).

No entanto, o acesso a essas obras era restrito. Enquanto as crianças da alta sociedade tinham acesso à alfabetização e a todos os contos, as crianças de classes populares não tinham a mesma oportunidade. A educação não era acessível para todos, privando muitas crianças de uma infância enriquecedora. Coelho (2000) complementa que no século XIX, os irmãos Grimm trouxeram um novo estilo à literatura infantil. Com base no romantismo, eles criaram histórias simples, com personagens como camponeses, alfaiates, bruxas e mágicos. Suas contribuições, como "João e Maria" e "Branca de Neve", ainda são lembradas.
Hans Christian Andersen também deixou sua marca. Suas obras, como "O Patinho Feio" e "A Pequena Sereia", aplicaram uma linguagem encantadora e deram vida a objetos simples. No final do século XIX, a literatura infantil chegou ao Brasil, impulsionada pela revolução industrial e urbanização (CARVALHO, 2009).
No início, a literatura infantil era trabalhada principalmente no cenário escolar, como recurso didático para ensinar conteúdo da Língua Portuguesa. Coelho (2000) destaca que, naquela época, o acesso a essas obras estava restrito àqueles que possuíam capital.
Com o passar do tempo, houve uma mudança significativa. Diferentemente do século XVII, quando o acesso à literatura era limitado às classes sociais mais elevadas, os contos infantis passaram a fazer parte do repertório de todas as crianças ao redor do mundo. Essa transformação foi impulsionada, em parte, pela revolução industrial, que também afetou o cenário literário brasileiro.
O Brasil começou a evoluir no campo da literatura, traduzindo e adaptando diversas obras literárias para o público infantil. A demanda por produtos culturais crescia, e surgia a necessidade de criação de obras nacionais que se conectassem com esse público. Coelho (2000, p. 30) observa que "o caminho para a redescoberta da literatura infantil foi traçado pela psicologia experimental, que considerava a inteligência um elemento construtivo do universo que cada um constrói dentro de si".
Nesse contexto, Monteiro Lobato se destacou como pioneiro na literatura infantil brasileira. Suas obras, descritas de forma didática, incorporavam elementos do folclore e da imaginação. Sandroni (1998) ressalta que, com a publicação de A Menina do Narizinho Arrebitado em 1921, Lobato inaugurou o que ficou conhecido como a fase literária destinada especialmente às crianças e jovens no Brasil.

Sem dúvida Monteiro Lobato revolucionou e contribuiu muito para o desenvolvimen-

to da literatura infantil brasileira, mas é importante lembrar que no Brasil os pioneiros da literatura infantil foram: Carl Jansen (18231889) nasceu na Alemanha e ainda jovem mudou-se para o Brasil, onde trabalhou como jornalista e professor, traduziu clássicos como Robinson Crusoé (1885) e Viagens de Gulliver (1888). Outro pioneiro brasileiro foi Figueiredo Pimentel (1869-1914) publicou coletâneas como os contos da Carochinha (1894) (ZILBERMAN, 2005, p.90).

O sucesso de Lobato deveu-se à sua habilidade em retratar a realidade cotidiana das famílias brasileiras, gerando identificação com o público-alvo. Ele utilizava uma linguagem simples, introduzindo a oralidade nos diálogos dos personagens para tornar seus contos emocionantes e acessíveis. Esse sucesso culminou na criação do icônico Sítio do Pica Pau Amarelo.

A literatura infantil é a manipulação de sentimentos e pensamentos por meio de palavras, frases, textos e desenhos. Ela se destina às crianças, que muitas vezes não possuem o vocabulário completo para expressar suas emoções e sentimentos (ABRAMOVICH, 1997).

Trata-se, portanto, de uma atividade de construção que expressa alegria, angústia, certezas e mistérios do ser humano. Baseada na emoção, fantasia, imaginação e, acima de tudo, liberdade, ela compreende um conjunto de obras literárias. Segundo Souza (2014), essa definição também está relacionada ao público atendido, indo além do texto resultante dessa manifestação.

De acordo com Souza (2014), esse público pertence a uma faixa etária específica e está em constante interação com o ambiente familiar, escolar e social. Trata-se de crianças que ainda não ultrapassaram situações temporárias, mas que são essenciais para seu desenvolvimento.

Cada conto de fadas possui um valor educativo, ensinando a observar, escutar, pensar e viver de forma autônoma. Essas histórias despertam maravilhamento e reflexão pessoal, estimulando o espírito crítico. A recriação proporcionada pelos contos alimenta o imaginário das crianças, preparando-as para inventar o futuro (HELD, 1980). Além disso, pode-se dizer que a literatura infantil enriquece a imaginação das crianças, oferecendo-lhes condições saudáveis de libertação. Ela as incentiva a usar o raciocínio e cultivar a liberdade espiritual.

Atualmente, a literatura infantil não se limita apenas a um recurso pedagógico. Ela proporciona aos leitores mirins uma nova visão da realidade, estimulando a mente de forma divertida e agradável. Além disso, permite o contato com o belo, a arte e o encantamento.

De acordo com Held (1980), os livros que compõem a literatura infantil são aqueles com os quais as crianças se identificam e escolhem de acordo com seus interesses. Essas obras oferecem diversão e revelam curiosidades.

A palavra “literatura” evoca arte e prazer, independentemente dos adjetivos que a acompanham. Portanto, o termo “infantil” associado à literatura não implica que ela seja exclusivamente para crianças. Como Meireles (1979) destaca, os contos de fadas representam o exercício de poesia e beleza, escritos para qualquer pessoa e capazes de agradar às crianças.

Dentre os vários conceitos de literatura infantil, Cunha (1998) enfatiza que os contos de fadas têm a capacidade de provocar emoção, prazer, entretenimento, fantasia, identificação e interesse nas crianças. Essas histórias despertam a imaginação e a criatividade dos leitores, criando um mundo repleto de magia.

Segundo Abramovich (1997) os contos de fadas não apenas encantam, mas também proporcionam ao leitor (criança) o conhecimento de si mesmo e do mundo ao seu redor. Eles possibilitam aprendizagens e desenvolvimento.

A literatura infantil reflete como a criança se relaciona com o outro. Enquanto exercita a imaginação e a criatividade, ela também interage com o mundo adulto, buscando compreendê-lo. Através da literatura, a criança constrói seu mundo e expressa suas emoções.

Observando as crianças em seu cotidiano, percebemos que suas emoções afloram, a socialização é intensa e o cognitivo é estimulado. Os contos de fadas representam situações da vida, permitindo que as crianças explorem o conhecimento, expressem suas

emoções e extravasem suas necessidades.
A literatura infantil contribui para aspectos morais, sociais, culturais e intelectuais. Quando as crianças ouvem histórias, manifestam alegria, prazer e desejos, desenvolvendo habilidades sociais, físicas e intelectuais, além de aprimorar suas percepções.
Através dos contos, as crianças expressam emoções e sentimentos como ódio, alegria e tristeza. À medida que se desenvolvem, essas emoções estão ligadas à estimulação sensorial e ao bem-estar no grupo em que a criança está inserida. A literatura infantil envolve afetividade e desempenha um papel importante na criação, descoberta e aprendizado a partir do mundo ao redor.
A literatura infantil não deve ser vista apenas como um passatempo, mas como uma forma de expressão crucial na vida das crianças. Ela oferece recreação, prazer, terapia, fantasia e comunicação. Através das histórias, os leitores podem explorar diferentes formas de viver, pensar, sonhar e agir. Um simples pedaço de papel ou madeira pode se transformar em uma espada para um príncipe salvar sua amada das mãos da rainha malvada.
Permitir que a literatura infantil invada as salas de aula é proporcionar algo encantador que transforma o imaginário das crianças (ABRAMOVICH, 1997). Trabalhar com literatura infantil nas instituições educacionais é como abrir as cortinas do mundo para uma plateia de seres que buscam construir sua identidade como sujeitos da sociedade (SOUZA, 2014).
O próximo capítulo destacará como os professores podem explorar o universo lúdico por meio dos contos de fadas, incentivando os alunos a transcenderem o papel de meros ouvintes e se tornarem autores de sua própria aprendizagem.

O IMPACTO DAS CONTAÇÕES DE HISTÓRIAS NO DESENVOLVIMENTO DO ALUNO

Ouvir histórias é uma experiência que possibilita a criação e a descoberta por meio de diversas obras literárias. Compartilhar o texto lido é fundamental, pois dessa forma surgem dúvidas e comentários. As crianças que ouvem histórias desenvolvem com mais facilidade o interesse em reproduzi-las oralmente, como se estivessem lendo por si mesmas (COELHO, 1999).
Quando uma criança é inserida no mundo da leitura desde cedo, ela adquire uma compreensão mais ampla das situações que a cercam. As práticas de leitura gradualmente levam as crianças a encontrar, nas histórias, situações semelhantes às que enfrentam. Portanto, é importante que as histórias sejam lidas e relidas pelo professor, pois a cada leitura, a criança assimila e internaliza maneiras de superar seus anseios.
Segundo Bettelheim (1976), os contos fornecem respostas para diversas situações da vida, abordando perigos, problemas, sonhos e desafios que podem ser superados com otimismo, fé e perseverança.
O ato de contar histórias é fundamental para o desenvolvimento das crianças. Cultivar essa prática é essencial para que as histórias não se percam com o tempo e permaneçam vivas. A magia do “Era uma vez...” deve continuar a nos fazer acreditar que é possível “viver feliz para sempre” (COELHO, 1999).

As fantasias transmitidas pelas contações de histórias têm o poder de transformar momentos dolorosos. Ao se colocar no lugar dos personagens, a criança alivia o peso de seus próprios problemas e se abre para a superação. Assim, as contações têm potencial para auxiliar os alunos a interpretar o mundo e lidar com questões do cotidiano (Abramovich, 1997, p. 17).

Fica claro que a contação de histórias desempenha um papel fundamental no desenvolvimento pleno, linguístico, intelectual e social das crianças. Por meio da ludicidade, ela ajuda os pequenos a compreender as dificuldades do cotidiano, desenvolve a atenção, concentração, criatividade e estimula a imaginação. Além disso, contribui para a formação de futuros leitores e cidadãos críticos com uma visão global da sociedade.
É importante reconhecer que as crianças não processam os fatos da mesma forma que os adultos. As informações podem não fazer sentido para elas. Portanto, os professores devem utilizar recursos lúdicos para conduzir os alunos à compreensão.
Como destaca Abramovich (1997), as histórias são especialmente relevantes no desenvolvimento infantil, principalmente na infân-

cia, quando todas as áreas do cérebro estão abertas para aprendizagens e os hábitos estão se formando. Professores e adultos envolvidos na educação devem criar uma atmosfera que estimule o contato precoce com os contos, pois isso amplia as possibilidades de construção de saberes.

A linguagem lúdica presente nos contos de fadas permite que a criança sintetize e condense a realidade por meio dos recursos da ficção. Ao observar outras vidas e realidades, ela reconhece semelhanças e diferenças em relação à sua própria experiência cotidiana.

Conforme Aguiar (1988) destaca, a literatura mostra o mundo por dentro. Não se trata apenas dos fatos em si, mas das formas como o homem pensa e sente esses fatos, conectando-se a outros indivíduos em diferentes tempos e lugares.

As contações de histórias constituem um universo rico e gratificante para as crianças. Elas permitem que os pequenos construam sua leitura de mundo desde cedo, despertando a criatividade por meio de rabiscos, traços e desenhos.

De acordo com Coelho (2000), os contos, especialmente os intitulados como contos de fadas, pertencem ao mundo dos mitos e ocupam um espaço privilegiado na vida humana. Isso ocorre porque os seres humanos necessitam de subterfúgios para suprir suas necessidades internas. Segundo o autor, os mediadores mágicos e os opositores são essenciais na construção do eu, tornando-se modelos para a criança e proporcionando a compreensão do bem e do mal.

A imaginação, a fantasia, a emoção e a ludicidade contribuem para que a criança compreenda sua realidade, atribuindo-lhe significado. A arte é indissociável do universo infantil, e a criança se habitua ao uso de uma linguagem simbólica e criativa. Assim, o tamanho do mundo da criança depende do alcance de sua fantasia e imaginação criadora.

Conforme mencionado por Coelho (2000), é extremamente importante enriquecer a infância com meios que permitam às crianças explorar o campo fértil da imaginação e aprender por meio da linguagem lúdica, correspondendo ao seu instinto natural de compreender e perceber o mundo.

O contato inicial da criança com a Literatura Infantil ocorre por meio do ângulo sonoro. Ela ouve histórias e adquire os códigos de leitura, ampliando seus pensamentos. A curiosidade natural surge em relação a inúmeras questões que envolvem seu desenvolvimento, seja em relação ao próprio corpo ou ao mundo externo.

A criança entra em contato com o mundo por meio da audição e da recepção de imagens visuais. Ao longo de seu desenvolvimento, ela se questiona e é questionada sobre aflições, tristezas, dificuldades, conflitos, dúvidas, sofrimentos e descobertas. Tudo isso contribui para que ela se compreenda melhor. É comum as crianças buscarem momentos próprios para suas experiências, vivências e dúvidas (HELD, 1980, p. 34).

A contação de histórias sempre foi um ato de linguagem e representação simbólica do real. Ela faz com que a criança se identifique com os personagens, incorporando a trama da história e agindo como se fosse ela própria a personagem. A história não termina quando chega ao fim; ela permanece na mente da criança, internalizada como alimento para sua imaginação. Como afirmou Fanny (2002, p.
16): “Ouvir histórias é importante para a formação de qualquer criança. Escutá-las é o início da aprendizagem para se tornar um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo.”

É comum que esse contato ocorra por meio da voz dos pais, avós, padrinhos e outros, que contam contos de fadas, histórias vividas, trechos bíblicos e histórias inventadas. Ouvir histórias é fundamental para as crianças, estimulando sua criatividade, imaginação e desejo de explorar diferentes narrativas. Elas querem ouvir a mesma história novamente ou descobrir outras novas.

De acordo com Coelho (2000), os leitores passam por diferentes estágios psicológicos, que são:

Pré-leitor (15/17 meses aos 3 anos): Nessa fase, a criança explora o mundo ao seu redor por meio do tato e do afeto. Coelho chama isso de “fase da invenção da mão”, pois a criança pega tudo o que encontra. Ela ainda não domina a leitura, mas está em contato com o ambiente.

Leitor iniciante (6/7 anos): Nessa etapa, a criança já reconhece os signos do alfabeto e algumas sílabas. Ela está no início do processo de assimilação consciente do real. O professor desempenha um papel fundamental, apresentando livros e histórias para inseri-la no mundo da escrita. A decodificação dos sinais gráficos a conduz ao universo dos livros.
Leitor em processo (8/9 anos): Agora, a criança adquiriu domínio da leitura. Ela demonstra curiosidade em conhecer o mundo, estrutura seu pensamento e realiza operações mentais. Questionamentos surgem naturalmente.
Leitor fluente: Nesse estágio, o domínio da leitura está consolidado. O leitor compreende o mundo retratado nos livros e concentra-se em reflexões que aprofundam sua percepção. A leitura desenvolve seu potencial crítico, permitindo que forme opiniões e critérios próprios.
No contexto escolar, destaca-se a necessidade de trabalhar os contos de forma adequada. Contudo, é comum encontrar profissionais que adotam uma abordagem centralizadora, na qual o professor é visto como detentor absoluto do conhecimento, e os alunos têm pouca participação no processo de aprendizagem. Esse modelo tradicional, marcado pela passividade dos estudantes, precisa ser repensado.
Felizmente, surge uma nova proposta de ensino-aprendizagem baseada no construtivismo. Nesse cenário, o aluno é ativo na aquisição de saberes, e o professor assume o papel de mediador entre o objeto de estudo e o estudante. Essa mudança não diminui a importância do professor; pelo contrário, exige uma formação ampla para compreender a relevância de formar alunos autônomos.
O mediador não fornece respostas prontas, mas cria caminhos para que os alunos as descubram. Ele se posiciona entre o ensino e a aprendizagem, estimulando a autonomia e ampliando a participação das crianças nas atividades. Além disso, a atuação do professor como mediador é essencial para o desenvolvimento cognitivo (MALUF, 2003).
Na prática, Fontana (2000) mostra que o mediador não precisa interferir diretamente. Ele pode criar um ambiente propício, como disponibilizar livros ao alcance dos alunos. A partir das leituras, surgem perguntas que estimulam a interação e a compreensão.

A intervenção pedagógica provoca avanços que não ocorreriam espontaneamente, a importância da intervenção deliberada de um indivíduo sobre outros como forma de promover desenvolvimento articula-se com um postulado básico de Vygotsky: a aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento desde o nascimento da criança. A aprendizagem desperta processos internos de desenvolvimento que só podem ocorrer quando o indivíduo interage com outras pessoas (OLIVEIRA, 1993, p. 33).

Em resumo, o professor-mediador é uma "ferramenta auxiliar da atividade humana". Ele não apenas transmite conhecimento, mas também guia os alunos na construção do saber, tornando as aulas dinâmicas e capacitando-os para a vida cidadã.
Neste sentido, destaca-se a necessidade de os contos serem trabalhados adequadamente no universo escolar. No entanto, é comum verificar profissionais que atuam de forma completamente centralizadora, ou seja, acreditam que o professor é detentor de todo o saber, e oferecem uma participação mínima do aluno no processo de ensino aprendizagem.
Na prática, isto representa o ensino tradicional, mecanicista, marcado por poucas trocas, e muita passividade por parte do aluno. Dessa forma, o professor transmite, e o aluno apenas acata os seus dizeres
Conforme cita Maluf (2003), há uma nova proposta de ensino aprendizagem, que enfatiza a necessidade de uma formação profissional mais ampla, baseado no construtivismo, que faz do aluno ativo na aquisição de saberes, e o professor mediador entre o objeto de estudo e aluno.
Na prática, isto não significa que o professor tenha menos importância, muito pelo contrário, a sua formação precisa ser muito ampla para que ele compreenda a importância de formar o aluno autônomo, bem como passe a ter um novo olhar sobre as brincadeiras, e principalmente, saiba conduzir e intervir de forma adequada.
Fontana (2000) apresenta algumas definições a respeito da mediação, mostrando que

ser mediador é se posicionar entre o ensino e a aprendizagem, sem dar respostas prontos, mas viabilizando caminhos para que os alunos as encontrem.
Neste contexto, percebe-se que o professor que atua como mediador, desenvolve um trabalho colaborativo para o exercício da autonomia, ampliando a participação das crianças nas atividades e tornando as aulas mais dinâmicas, além de capacitá-las ao exercício pleno de cidadania.

MATERIAL (IS) E MÉTODOS

A abordagem metodológica deste estudo envolveu uma revisão bibliográfica aprofundada sobre os conceitos de inclusão social e desenvolvimento humano no contexto da educação artística. Para alcançar esse objetivo, aplicamos critérios de seleção que priorizaram a relevância teórica, a atualidade, a abrangência, a qualidade das fontes, a objetividade e imparcialidade, a confiabilidade, a acessibilidade e disponibilidade, bem como a pertinência, consistência e clareza das informações apresentadas. O referencial teórico baseia-se em diversos autores, incluindo Abramovich (1997) e Coelho (2000), que são renomados na área de estudo. Os descritores usados são: Desenvolvimento infantil, Contação de histórias, Competência leitora e Literatura Infantil.

CONCLUSÃO

Através da realização deste trabalho, podemos concluir que a contação de histórias desempenha um papel fundamental no desenvolvimento dos alunos. Ao entrar em contato com diferentes formas de literatura, os indivíduos têm a oportunidade de enriquecer e ampliar sua própria experiência de vida. Especificamente, a utilização de obras infantis, como os contos de fadas, é uma maneira eficaz de conectar a interpretação do texto literário à realidade.
A linguagem lúdica presente nesses contos pode ser crucial para a formação das crianças, ajudando-as a compreender valores básicos da ação humana e do convívio social. Além disso, a literatura infantil favorece o desenvolvimento da competência leitora, ao colocar os alunos em contato com situações cotidianas e temas relevantes para sua formação como cidadãos. O trabalho com contações não requer grandes recursos, podendo ser realizado com um simples conto impresso. O papel do professor como mediador é essencial, criando um ambiente propício para a aquisição de conhecimentos pelos alunos.

REFERÊNCIAS

Abramovich, F. Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices. São Paulo, 1997.

Aguiar, F. Como incentivar o hábito da leitura. 7 ed. São Paulo: Ática ,1988.

Bettelhein. L. O que é literatura infantil. Coleção Primeiros Passos. 2. ed. São Paulo: Brasiliense. 1976.

Castro, Célia Romea. Linguagem oral e escrita na Educação Infantil. In LLEIXA, Arribas Teresa (Org.). Educação Infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar. 5 ed. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Coelho, Nelly Novaes. Literatura infantil: Teoria - análise - didática. 7 ed. São Paulo: Moderna,1999.

Coelho, Nelly Novais; Literatura Infantil: Teoria Análise Didática. Edit. Moderna, 1º Ed. São Paulo 2000.

Fany, Eni Pulccnelli. Discurso e Leitura. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2002.

Held, Ivonete Peixer. Importância das aulas de leitura na biblioteca. Revista Pratic-Ação, Itajaí, n°03: p.06, dezembro, 1980.

Maluf, Cristina Munhoz. Brincar Prazer e Aprendizado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

Meireles, Ivonete Peixer. Importância das aulas de leitura na biblioteca. Revista Pratic-Ação, Itajaí, n°03: p.06, dezembro, 1979.

Oliveira, Marta. Vigotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sóciohistórico. São Paulo: Scipione, 1993.

Sandroni, Laura. De Lobato à Década de 70: 30 anos de Literatura para Crianças e Jovens: Algumas Leituras. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998.

Souza, Maria Cristina. A literatura infantil e o seu poder de formar leitores. Revista Interescola. 1.ed. São Paulo: 2014.

Vasconcellos, Celso. Para onde vai o Professor? Resgate do professor como sujeito de transformações. São Paulo: Libertad, 1998.

Zilbermann, Regina. A Literatura infantil na escola. 11.ed. São Paulo: Global, 2005.